

APRESENTAÇÃO

A ideia de um pensamento *à margem dos escritos de Kierkegaard* não é nova e encontra sua origem em discussões realizadas no Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN), e no Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Fenomenológica e Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LAFEPE/UERJ). Um evento ocorrido em 2013, cujo resultado está publicado pela Edições IFEN no livro intitulado *Angústia e Repetição: da Filosofia à Psicologia*, expõe os esforços por um pensamento psicológico transitante entre Filosofia e Psicologia em diálogo com Kierkegaard.

Essa mesma ideia, de um pensamento transitante, vem à tona ao final da XVIª Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da SOBRESKI (Sociedade Brasileira de Estudos em Kierkegaard), realizada entre os dias 26 e 29 de novembro de 2019, na Universidade Federal de Juiz de Fora. A proposta era organizar um grupo de estudos na cidade do Rio de Janeiro que, mantendo-se à margem, ou seja, sem se fixar em um dos lados do rio, pudesse congrega estudos plurais, detalhados e demorados dos textos de Kierkegaard. Plurais, por admitir interpretações advindas de várias áreas de estudo tocadas pelo próprio Kierkegaard (filosóficas, psicológicas, teológicas, literárias etc.), o que impossibilitaria uma via única exigindo diálogo, parceria, troca. Demoradas, porque somente uma leitura em linha reta pode ser rápida. Seguir o fluxo de um rio é fazer curvas, deter-se em obstáculos.

Dessa ideia e nessa ideia reuniu-se um primeiro grupo, no IPUB (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro), no início de 2020. Naquele momento, planejavam-se encontros presenciais com moradores do Rio de Janeiro. A pandemia do COVID-19 transformou essa realidade e permitiu que as margens se ampliassem e incluíssem participantes de outros estados. A configuração do grupo foi mudando com o tempo: alguns membros, presentes no início, acabaram se envolvendo em outros projetos; outras pessoas sentiram-se mobilizadas e se inseriram no grupo, que também se firmou como espaço de pesquisas: hoje, está inscrito como Grupo de Estudos no LAFEPE/UERJ, na linha de Pesquisa *Margem Kierkegardiana* e no Diretório de Grupo de Pesquisa do CNPq.

Como fruto dos estudos realizados durante o ano de 2022, dedicados ao livro *O conceito de angústia*, realizou-se o “Iº Colóquio Margem Kierkegardiana” com o tema *Diante da liberdade: leituras à margem da angústia*. O colóquio aconteceu nos dias 29 e 30 de maio de 2023, na modalidade online, em uma produção coletiva que reuniu, além do grupo *Margem*

Revista Instante, v. 6, n. 1, Jan./Mar., 2024

ISSN: 2674-8819 Qualis A3

Departamento de Filosofia, Universidade Estadual da Paraíba

Kierkegaardiana, o Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o LAFEPE/UERJ e o IFEN. Os trabalhos apresentados nesse primeiro colóquio vêm agora a público pela Revista Instante no Dossiê intitulado *Kierkegaard: liberdade e angústia*. A unidade deste volume deve ser encontrada na diversidade com que foram tratados os temas da angústia e liberdade, tão caros a Kierkegaard e aos interesses dos autores dos artigos.

Para fins de organização, os textos foram divididos em três blocos: o primeiro, assinado por autores que, apesar da afinidade com o grupo e com o tema, não participaram diretamente das discussões do grupo em 2022; o segundo, contendo textos elaborados por membros ativos do grupo *Margem Kierkegaardiana* nesse período; e o último, com um único texto, cuja temática apresentada no evento mostrou grande afinação com as discussões do grupo.

O primeiro bloco inaugura-se com o ensaio intitulado *Liberdade e criação*, assinado por Ramón Bolívar Cavalcante Germano. Ramón parte de uma passagem da *Odisseia*, na qual relata o destino do herói Ajax, para pensar a relação entre liberdade e criação. Dialogando com Kierkegaard e Bergson, o autor sugere que a liberdade individual é sempre expressão de uma liberdade mais originária e criadora que nos excede. Por isso, *ser livre* não é agir segundo um arbítrio atomizado, isolado, mas é entrar em um fluxo de criação insondável e não determinável que atravessa incessantemente o Eu, doando-o a si mesmo.

Os dois artigos seguintes desenvolvem a temática da *margem* em perspectivas que se complementam. Primeiramente, Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, no artigo intitulado *Angústia e liberdade em a terceira margem do rio*, recorre à compreensão de Kierkegaard sobre angústia para abordar um pensamento que se encontra à margem da tendência da psicologia hegemônica, que apreende a existência de modo objetivo. A autora mostra que é preciso navegar nas margens de outros saberes, como a filosofia, a literatura e a poesia, para encontrar o lugar marginal no qual o psicólogo clínico transita junto àquele que vive a dor e o sofrimento.

Em seguida, Eduardo da Silveira Campos, no artigo intitulado *A terceira margem da angústia*, nos lembra aquilo que, muito facilmente, nos esquecemos: que ser um existente, um humano, é estar em constante travessia, uma vez que a indeterminação é o que melhor nos determina. O autor mostra que estar nessa travessia é singrar o campo de realização da possibilidade que é a nossa, de experimentar a relação que somos como um instante que une, amorosamente, tudo aquilo que importa. Segundo o autor, essa experiência é o fenômeno que interessa àquele que cuida de sua própria existência e de outro existente.

O segundo bloco de artigos, como antecipado, são da autoria de componentes do grupo *Margem Kierkegaardiana*, os quais viram nascer seus temas de interesse durante a dinâmica de leitura e debate nos encontros do grupo. Myriam Moreira Protasio assina o primeiro texto dessa série intitulado *Haufniensis e a verdadeira compaixão: reflexões para a clínica psicológica*, no qual dialoga com as ponderações de forma a recolher contribuições para a relação clínica. Kierkegaard mostra que a compaixão é experiência própria da vida compartilhada, caracterizada por um empenho por ajudar o outro. No entanto, nem sempre essa disponibilidade verdadeiramente ajuda o outro. Seguindo esse ponto, a autora acompanha as diferentes interpretações que sustentam os gestos de ajuda, de forma a encontrar o sentido de uma verdadeira compaixão compreendida como uma afinação, sem ilusões, com a realidade de cada situação.

O segundo texto desse bloco é de autoria de Marcos Érico de Araújo Silva, intitulado *A articulação de angústia e paciência na filosofia de Kierkegaard*. O autor nos lembra que o método da comunicação indireta, de Kierkegaard, busca empreender uma desconstrução ou retirada de uma ilusão que atinge tanto o âmbito do fenômeno da vida quanto o horizonte hermenêutico que pensa essa vida. Ao colocar em diálogo as duas obras, publicadas no mesmo ano de 1844, o texto desenvolve a proximidade entre o conceito angústia, uma realidade constitutiva do ser humano, e a realidade descrita pelo conceito paciência, compreendida como a força da alma que mantém a angústia nos limites da possibilidade da liberdade, tendo coragem e força de ânimo para suportar o peso da possibilidade sem perder sua liberdade e sem se deixar capturar pelo demoníaco.

A temática do demoníaco é desenvolvida por Matheus Maia Schmaelter que nos desafia, em tom bastante sério, no terceiro texto intitulado *Um contraste necessário e um momento retificador: o demoníaco como paródia da existência*. O autor defende que o demoníaco, apresentado por Vigilius Haufniensis como fechamento hermético e como súbito, representa visões distorcidas de Abraão, a figura que tipifica a existência na fé. Mas, atenta o autor, isso que pode parecer uma oposição, pode ser visto como um “contraste necessário e um momento retificador para a existência”. É preciso seguir com vagar o texto, de modo a server os argumentos do autor.

No quarto texto do bloco, Carlos Campelo da Silva, no artigo intitulado *Aproximações entre a “Condição Esquizoide” em Laing e a categoria do Demoníaco N’O conceito de angústia de Kierkegaard*, desenvolve uma breve investigação sobre o uso que o psiquiatra

existencial Ronald Laing faz das categorias demoníaco e hermetismo, ambas desenvolvidas por Kierkegaard no IVº capítulo do livro *O conceito de Angústia*. Laing recorre aos argumentos do pensador dinamarquês para alcançar dimensões da psiquiatria diferentes das referências clássicas de sua época, concluindo que o indivíduo esquizoide encontra-se em uma situação de não liberdade ao evitar a angústia diante do olhar do outro e experimentar a impossibilidade de romper com seu fechamento.

O hermeticamente fechado, o mudo, o que não se comunica, como expressão contundente da não liberdade, é o tema da investigação de Claudia Carvalho Amaral no quinto texto desse segundo bloco, intitulado *A comunicação do hermeticamente fechado*. A autora, na busca pelo aceno da comunicação e, assim, da liberdade, vai ao encontro da possibilidade de expressão de uma comunicação que se recusa à fala e, nesse gesto, recusa-se à liberdade. A autora explora o caráter positivo da força de resistência à comunicação, abordando que, no ambiente da clínica psicológica, essa sondagem se conduz pelo fio da liberdade à escuta do *não* da liberdade, buscando construir uma atmosfera de paciência, de suspensão de qualquer identificação normativa e à espreita da possibilidade de movimento na retomada da liberdade.

O sexto texto do bloco, intitulado *Do arrependimento enlouquecido*, de autoria de Ciro Prado Pellegrini Villela, traz a temática do arrependimento e a possibilidade de que essa experiência seja edificante. O autor entende que o arrependimento é medianamente experimentado como uma lamentação paralisante, mas que é possível encontrar, nas reflexões de Vigilius Haufniensis, a possibilidade de uma escola da angústia que permitiria sair dessa paralisação. Tecendo diálogo com outros autores, o autor defende a tese de que o arrependimento pode ser também o tempo propício para uma transformação e edificação na angústia.

No último texto desse segundo bloco, intitulado *Kierkegaard e psicologia clínica: reflexões sobre covardia, orgulho e liberdade*, Maitê Sartori Vieira transita por outros conceitos kierkegaardianos, relacionando-os à temática da angústia. O texto mostra a forma como a covardia está presa ao orgulho nas diferentes manifestações na existência, dificultando uma apropriação da liberdade e, conseqüentemente, uma deliberação apropriada. Segundo a autora, os esclarecimentos sobre essas experiências são necessários para que, no ambiente da clínica psicológica, seja sustentado um caminho para que o paciente ganhe proximidade consigo mesmo na existência.

Como último texto deste Dossiê, está a contribuição de Renata Gomes da Costa de Marca no artigo intitulado *Apontamentos sobre uma clínica psicológica existencial inspirada em Kierkegaard: a psicologia “Experimentante” e seus modos de ver à margem*. Embora a autora não tenha participado dos debates no grupo, a discussão que trouxe para o Colóquio mostrou-se bastante alinhada à temática. Dialogando com o conto *Nas águas do tempo*, de Mia Couto, e recorrendo às reflexões de Vigilius Haufniensis, na introdução de *O conceito de angústia*, a autora faz frente ao empenho atual por uma psicologia das evidências e nos lembra a possibilidade de uma psicologia experimentante que sustenta um ver que nasce nas margens da experiência, sem qualquer ambição para além dela.

Para finalizar este prefácio, deixo aqui alguns agradecimentos. Primeiramente, ao amigo Ramón Bolívar Cavalcante Germano que intermediou as primeiras conversas com a Revista Instante, tornando possível este Dossiê. Ao editor Allyson Pereira de Almeida, que acolheu a ideia e assessorou o caminho que transformou uma possibilidade em realidade. Por fim, aos autores que trabalharam seus textos para compor esse excelente conjunto na revista. Esperamos que os leitores encontrem, nesses textos, esclarecimentos e incentivo para seus estudos.

Boa leitura a todos!

Myriam Moreira Protasio (IFEN)

Editora Convidada